organizador
Ademir Pascale

Antologia dos Melhores Poemas

Vol. III

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-77355-2
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA DESEJADO

QUARENTENA, POR ALCEU CELESTE, PÁG. 05
COISINHA, POR ALEX MANSO BARROS, PÁG. 07
DESESPERADAMENTE, EU SINTO EM PORTUGUÊS, POR AURORA MIRANDA LEÃO, PÁG. 09
TEMPO, POR B. B. JENITEZ, PÁG. 14
ANTES..., POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO, PÁG. 20
ONDE FORAM PARAR NOSSOS LIVROS, POR EDUARDO OTÁVIO GÓIS, PÁG. 22
O CHEIRO DO AMOR, POR GIZELE CARVALHO LEAL, PÁG. 24
VERDADEIRAMENTE, POR GIZELE CARVALHO LEAL, PÁG. 27
O VELHO REI DE ESMERALDAS, POR MARCIO DE PAIVA, PÁG. 29
O CAOS, POR NAYARA CORRÊA FERREIRA SANTOS, PÁG. 31
LIVRE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 34
A CHUVA DA MANHÃ, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 36
CENOURA COM GENGIBRE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 38
VIDA FRÁGIL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 40
O VALOR DO ABRAÇO, POR VERA RIBEIRO, PÁG. 42
SER AVÓ, POR VERA RIBEIRO, PÁG. 45
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 49

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

ANTOLOGIA DOS MELHORES POEMAS VOL. III

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quarentena

Por Alceu Celeste

Filósofo e linguista, defensor intransigente da língua portuguesa, sua maior paixão. Autor do "Manifesto Purista - Uma declaração de paz ao materialismo", disponivel no Facebook.

Haja tédio!
Tédio e mais tédio...
Tédio do tédio!
Maratona do tédio...
Tardes de tédio épico,
Noites sem alegria...
Onde fui medalhista,em monotonia!
E amanhã, que remédio?
Nada haverá de inédito!
Só tédio e mais tédio,
Nos dias da pandemia...

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Coisinha

Por Alex Manso Barros

Nascido em Belém do Pará, a família veio para Brasília em 1986 em busca de uma vida melhor, moram até hoje na capital do Brasil, onde adquiriu gosto pela literatura, escrita, cinema, qualquer forma artística que conte uma história.

Sorte de quem teve uma amiga de infância, feliz de quem teve uma coisinha, a palavra soa estranho, mas era assim que as meninas se identificavam como amigas, “ ela é minha coisinha “ o termo se perdeu com o tempo, mas o significado ainda está vivo na lembrança de muitas mulheres.

Uma das versões da origem da palavra amigo vem do árabe, significa digno de confiança, outra suposição vem do latim amicu, confidente, querido, o primeiro registro da palavra foi feito por um rei e poeta, Dom Dinis, em o lavrador.

A amizade é a relação afetiva entre dois indivíduos, relacionamento de afeto e carinho uma pela outra, sentimento de lealdade e proteção, não precisa acontecer com pessoas iguais, com o mesmo gosto e vontades, nesse caso esse é justamente o fato que os une.

A amizade tem a função de acrescentar momentos, sentimentos ou idéias como a de um argentino que decidiu enviar cartas para diversos países, nesse dia 20 de julho, foi instituído o dia do amigo, um dos princípios da amizade é cultivar confidencialidade e cumplicidade.

Existem amizades duradouras, amizades curtas porém intensas, que por obra do acaso ou destino foram separadas por diversos motivos, mudança de escola ou cidade, mas eternas em seu tempo, recordadas para o resto da vida, desde a infância, passando pelas fases da adolescente até a correria da fase adulta, e ainda hoje lembradas, inesquecível quem teve infância, sorte quem teve uma amiga, feliz quem teve uma coisinha.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Desesperadamente, eu sinto em português

Por Aurora Miranda Leão

Jornalista, atriz, locutora e documentarista cearense, escreve contos, crônicas, poemas e roteiros de cinema, rádio e TV. É mestra em Comunicação e cursa doutorado no PPGCom da UFJF (MG) pesquisando dramaturgia, audiovisual, sertão e identidades de gênero. Roteirista e diretora de diversos curtas-metragens, assina os e-books "Telenovela: a ficção popular do Brasil", "O cinema que mora na minha saudade", "Na televisão na palavra no átimo no chão", "Teledramaturgia – uma metodologia de análise" e "Valei-me, São Genésio" (Teatro).

Poeta Criador, letrista inspirado
Menestrel prosador, cearense Musical
Dos loucos amores, sonhador Universal

Palavras, sons, imagens
Ritmos, letras, afetos
Versos tristes, rimas ricas
Conterrâneo Belchior, artista intemporal
Que vazio aqui deixou você

A falta tua agiganta-se
Nestes tempos selvagens
De conexão superficial
Medos soturnos, patologias íngremes
Laços frágeis, concretas solidões
Proliferam incertezas, espalham síndromes
Insanidades avultam, desvarios em amplidões
Prolongam descompassos, caducam afetos
Arautos das falsas notícias
Acentuam exclusões

Novas dores a todo instante
Cravam dias nos quais a alucinação
Bêbada em redemoinho abissal
Perdeu qualquer parâmetro
Desapreço há pelo partilhar
Violências descomunais flertam o insólito, violam o ancestral
Enganos, tropeços e desmantelos desumanizam
Insano culto à Inteligência Artificial
E o delírio afirma a inconsistência das coisas reais…
Não somos mais os mesmos
Dos romances astrais, das praias musicais

E onde andamos nem perguntar adianta mais
De que lado nasce o sol, quase todos esqueceram
E o velho blusão de couro já nem o passado lembra
Quisera voltar para o torrão
Onde o sonhar pode ainda ecoar
Pois agora nem mais o infinito há
No mar bacana daquela juventude de Copacabana

Muitos outros se perderam sem no rádio tocar canções
Nem conversar ou ouvir pessoas
Gritar pelos muros do país
Parques, praças, viadutos
Que só interessa a teoria de amar e mudar as coisas

O tempo mexeu com a gente
Sim, lembrando aquela frase
Do temor de encontrar a solidão
Punhal que corta e amiúde nos espreita
Como fantasma escondido no porão

Não, nunca mais seremos os mesmos
E de amor nem mais os analistas entendem
Talvez conforte almejar, quem sabe alcançar
A emoção que guardei buscando encontrar
Num beijo de novela, num frame de cinema
Ou abraço ocasional, inesperado lampejo
Qual flor no manguezal
O coração selvagem que tanto escondi

Embora, quem sabe, oxalá como nossos pais
Nesta sombra de agora, o batom na camisa
E a colorida roupa de outrora que tanto precisamos
Não mais velha esteja

E embalde o sonho desadormeça tão fácil
Aquela rede branca ainda conserve no sertão
O brasileiro charme de alguém sorrindo a cismar
Longe da pressa de viver

Energias de aurora, imaginar, reconectar
Galos, noites e quintais como Aldemir pintou
E a poesia tua eternizou, nos almoços da sala
Nas tintas de batons, jamais sem emoção
Letrando canções, sempre com mania de paixão
E de incontido amor derramado

Porque não foste tu, mesmo ano passado morto
O desvairado louco, de peito deserto e boca lacrada
Que sem motivo a vida pensou desvanecida
Sem romance, flor ou guarida

Esqueceu aquele brutamontes quanto a imaginação
É intensa e desmedida e a glória feminina
Existe, não é só ilusão
O lacrimoso olhar que já não escondemos
Traz imensa saudade da poesia tua
E dos versos teus que tanto encheram
De coragem e delírio o copo vazio
Molhado pelo beijo roubado naquela estação
Com a fumaça azul do cinema

Hoje, das artificiais inteligências, cheias de distância
Nem sequer se esperam novas coisas boas
E da vida ninguém mais quer ser estudante
A gente nas ruas parece perdida
Sem saber qual futuro, se encontrará abrigo
Se há porvir, sentido ou chance de vida

À noite namorar ficou tão sombrio
Fugaz e descartável, embora ainda há gente que insista
Em desacreditar, e o que mais se vê são namoradas a correr
Fugindo de quem um dia amaram mas em monstros cruéis se tornaram

Quem sabe por ora só nos reste mesmo
Mágoas e lamentos afogar nas águas fundas do mar
Porque não mais há cavalheiros dispostos
De sorriso ingênuo e franco
A buscar estrelas para nos cativar
E à beira-mar nos entregar

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo

Por B. B. Jenitez

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado (livre-docente) no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Ativo na área de divulgação científica, é responsável pelo portal Anel de Mídias Científicas (anelciencia.com) que possuí links para 440 blogs, 130 canais YOUTUBE e vários podcasts de ciência e ficção científica em português. Publicou O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol... (2014) pela Editora Multifoco, Projeto Mulah de Tróia (2016) pela Drago Editorial, Demiurgo: Deus e Acaso (KDP, 2020), Projeto Mulah de Tróia 2 (KDP,2020), O Beijo de Juliana 2ª Ed. (KDP, 2021) e Ágatha em Todo Lugar em Todo Tempo (KDP, 2013). Participou de várias antologias: FCdoB-2010/2011 (Tarja Editorial), Solarium 3 (Multifoco), Galáxias Ocultas (Editora Illuminare), Teslapunk 3 (Cavalo Café), Antologia Asimoviana (Arkanus Editorial), O Livro da Ficção Científica Brasileira (Madrepérola), Estrelas Inalcançáveis (LN Editorial), O Espantoso Mundo da Antecipação (Elemental Editoração), Ano Zero (Lura Editorial), Almas Fabricadas (Madrepérola) e Passaporte Atemporal (Carnage).

Você me pediu para não te amar
Ou foi isso que entendi
Neste outono de nossas vidas
Ainda temos tempo para isso?

Não amar, que desperdício
Do tempo que ainda temos
No desgaste de nossos corpos
No rumo de nossa morte

Não amar, para não sofrer
Para não ter tempo de ser
Humanos. Seremos máquinas?
Que não amam nem sofrem

Ao pó voltaremos com certeza,
Dez, vinte anos, eu não sei
O pó é o filho do Tempo
O pó não pensa, nem ama

Já se disse que somos feitos
Do pó das estrelas que explodiram
E temos nossas pequenas vidas,
Curto tempo, você sabe disso

O tempo urge, o tempo ruge,
Então eu te pergunto novamente
Teremos tempo para um último amor
Antes que o pó encha nossas bocas?

Versão do CHTAGPT

Tempo que urge e ruge, sem piedade,
Você me implora para não amar,
Ou será que, talvez, mal entendi?
Neste outono da jornada, a derradeira,

Ainda temos tempo, será verdade,
Para rejeitar o amor que é pulsar?
Oh, que desperdício é não viver
Os afetos que o destino nos oferece.

No desgaste dos corpos envelhecidos,
Na jornada rumo à derradeira morte,
Não amar, seria sufocar suspiros,
E adiar a própria essência do ser.

Por que não amar, por medo do sofrer?
Seremos máquinas, frias e inertes?
Negar emoções, calar o coração,
É abdicar da vida, negar o presente.

Ao pó retornaremos, é a certeza,
O ciclo eterno que jamais se quebra,
Mas enquanto somos feitos de pó,
Vivamos a plenitude do tempo.

Estrelas que explodiram nos geraram,
Somos filhos da vasta imensidão,
Em nossas mãos o dom de caminhar,
Nas sendas que tecemos com paixão.

O tempo urge, sim, é imperdoável,

Mas nele encontramos o nosso rumo,
Então, por que não vivê-lo plenamente?
Antes que o pó, enfim, preencha os céus,

Eu te pergunto, com ardor no olhar,
Teremos tempo para um último amor?
Antes que nossas bocas se calem,
Vamos entrelaçar nossos destinos.

Aproveitemos cada instante que resta,
Para amar, viver, sentir e ser,
Pois mesmo diante da efemeridade,
O amor é eterno, é o que nos faz crescer.

Reescrita do CHATGPT de seu próprio poema

Tempo que ruge, urgente e sem clemência,
Você me suplica, evite o amor ardente,
Ou talvez, confundi-me, fui imprudente?
Neste outono da vida, à derradeira essência.

Ainda há tempo, será verdadeiro,
Para rejeitar o amor que quer brotar?
Oh, quão triste é negar esse laço verdadeiro,
Os afetos que o destino quer ofertar.

Nos corpos cansados, envelhecidos,
Na jornada rumo à inevitável morte,
Recusar o amor, perder o alento,
É postergar o que realmente somos.

Por que evitar o amor e sofrer por medo?
Seremos máquinas frias e inertes?

Se calarmos o coração, desaparecemos,
Perdemos o sentido, negamos o presente.

Ao pó retornaremos, é a certeza,
O ciclo eterno que jamais se rompe,
Mas enquanto pó, podemos dançar,
Vivendo a plenitude do tempo que corre.

Estrelas que explodiram nos geraram,
Filhos da vastidão cósmica somos,
Em nossas mãos, o dom de caminhar,
Pelos caminhos que com paixão tecemos.

O tempo é impiedoso, é verdade,
Mas nele encontramos nosso próprio rumo,
Por que não vivê-lo plenamente?
Antes que o pó, enfim, ao céu se eleve.

Pergunto-te, com ardor no olhar,
Teremos tempo para um último amor?
Antes que nossas vozes silenciem,
Vamos unir nossos destinos, com fervor.

Aproveitemos cada instante presente,
Para amar, viver, sentir e ser,
Pois mesmo diante da efemeridade,
O amor é eterno, nos faz florescer.

Análise

Usei o CHATGPT 3.5 com o AIRPM da Google adicionado, de modo a ter mais opões de estilos. Escolhi as opções WARM + POETIC.

O CHATGPT encontra rimas (o poema original não tem rimas). Mas isso pode apenas indicar que o estilo POETIC implica que poemas precisam ter rimas e métricas, o que não necessariamente é o caso.

Meu poema é pessimista, mas os finais dos poemas do GHATGPT são otimistas. Na verdade, parecem platitudes e obviedades poéticas, retirando o impacto do poema original.

Em todo caso, as versões do CHATGPT poderiam sugerir mudanças para aprimorar o poema original sem lhe retirar o objetivo original. A refletir e experimentar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Antes...

Por Clayton Alexandre Zocarato

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: https://www.facebook.com/clayton.zocarato

Antes...

Depois...

Respondo ao vazio...

Do meu bom coração...

Que agora se tornou comum...

Banalizando o incomum...

Perante as minas angústias...

Em novas dádivas...

Repletos de convivas...

Fazendo uma pára – paixão...

APRESENTAMOS O POEMA

Onde foram parar nossos livros

Por Eduardo Otávio Góis

Eduardo Otávio Góis é Advogado e Professor de Educação Básica dos anos iniciais na Prefeitura de Vinhedo/SP. Com licenciatura em história. Vive em Vinhedo com sua família e uma cachorrinha que é sua paixão. Em 26 de maio de 2023 realizou uma palestra na Câmara Municipal de Valinhos em comemoração ao Dia da África.

Ando pelas ruas a passos largos outrora não me preocuparia.
Não vi nada interessante na vitrine apenas lamento e solidão.
Cadê aquela livraria que me tocava como Antão.
Fecharam os olhos para não sentir o que viria.
Penso que essa será uma grande ilusão.
Não chegar em lugar algum só pode ser coisa de gente sem coração.
Calçadas enfeitadas e aquela dona na janela é coisa passada.
Vejo prédios grandes que poderiam estar lotados de gente, somente cheios de teias de aranhas, ratos e comiseração.
Onde está a construtora que derrubou a casa de meus pais sem permissão e agora junta os cacos da ignorância.
Não vejo perspectiva para tanta imaginação senão escolherem certo quem manda lá naquela feira que tinha tanta coisa boa e agora só coisas importadas, quanta ignorância se valorizam o que vem de fora enquanto aqui se produz e não come.
A cidade parece deserta as pessoas não se cumprimentam nem se tocam e quando se tocam cometem crimes porque não se vem senão como inimigos.
Acabei de me lembrar que meu dispositivo foi saqueado, não me lembro bem onde, mas acho que foi o esbarrão daquele sujeito que me olhou e me cuspiu, sem problema não gostei dele mesmo, só me pergunto, por quê levou meu dispositivo, acho que ele deve ter mais orelhas do que eu, para que tanto dispositivo se pode falar apenas usando um?
Acho que vou parar por aqui porque bem em frente tem uma cafeteira e subir alguns degraus para alcançar o mezanino e ler alguns livros, pois o que me resta, senão sabedoria.
A primeira obra que vi foi de um visionário que quis transformar a cidade de um berço amigável de outrora, numa metrópole arrogante e revolucionária, onde uma parcela das pessoas comandaria e a grande maioria não sobreviveria, apenas participariam, suas opiniões quem ligaria, mesmo que fossem a maioria, mas com certeza quem ligaria.
Pensei logo e imaginei que uma guerra ocorreria, mas antes de qualquer coisa precisava semear a discórdia e quem poderia? Olhei pela janela e aquela senhora do prédio ao lado me olhava e cuspia, quanta ignorância, que pena eu sentia.
Meus joelhos começaram a doer, o frio era intenso e percebi que em meu ombro alguém tocava com violência e me pedia uma moeda para comprar arroz e farinha, olhei desconfiado e percebi que era uma cria daquela sociedade que não deveria existir nem na

literatura, me apressei e peguei minha carteira, mas quando abri um sorriso compartilhado de zombaria, pois nem um tostão eu tinha.

Fui expulso da livraria, porque num país onde a educação é fantasia salve, salve é o que me cabia.

Voltei para casa, num viaduto da Faria Lima, pois pelo menos daqui me sinto importante, pois, nos noticiários diz sempre que as pessoas daqui são as que ditam as regras da economia.

Dormi com fome, muito pensativo e preocupado, pois, quantos papelões amanhã vou precisar para encher o meu carrinho, mas vou me consolar se achar algum papel, pois, penso em escrever uma carta para uma moça que outrora já vivia numa favela e também escrevia, tinha um quarto e foi despejada, meu Deus quanta coincidência até parece que já vivia ontem o que hoje eu vivo, quanta alegria nós dois juntos, somos filhos da alforria.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O cheiro do amor

Por Gizele Carvalho Leal

Amazonense, professora, especialista, graduada em Letras: português/Inglês pela universidade federal do amazonas (UFAM). Leciona há nove anos em escolas da rede pública e já atuou também na rede particular de ensino. Atualmente é professora de finalistas do EM na Escola Estadual Governador Plínio Ramos Coelho em Humaitá-Am.

Poema dedicado a minha mãe, Celina Pereira da Silva, minha eterna saudade, eu sempre sentirei o cheiro do teu amor.

(In Memoriam)

De todos os amores o teu
É aquele que sem saber me reviveu
E todos os dias de alegria o meu coração encheu
Eu crescia, te olhava, te imitava
Até teus palavrões eu inocente falava
E por teu colo tão quentinho eu insistente, chorava.
Até que tu vinhas ao meu encontro
E com teu jeitinho, me acalantavas
Eu cresci te vendo trabalhar sem parar
A formiguinha não tinha tanto a te ensinar
Hoje, olho pra trás e não vejo porque reclamar
Afinal, a tua história não te impediu, de minha história mudar.
Tudo que você me permitiu viver, não há dinheiro que pague
Como eu lembro com tanto carinho do cheirinho do teu chocolate!
Um chocolate que tu preparavas e eu nunca, jamais verei igual
O cheiro dele e o sabor
Se misturam ao teu amor
Sinestesia gostosa, digna de um poema compor.
O amor de mãe é assim,
Tem começo, mas nunca tem fim
Difícil de conceituar, medir
Talvez, porque na verdade
Só seja possível sentir.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Verdadeiramente

Por Gizele Carvalho Leal

Amazonense, professora, especialista, graduada em Letras: português/Inglês pela universidade federal do amazonas (UFAM). Leciona há nove anos em escolas da rede pública e já atuou também na rede particular de ensino. Atualmente é professora de finalistas do EM na Escola Estadual Governador Plínio Ramos Coelho em Humaitá-Am.

Se eu pudesse pintar o amor
Sem dúvidas, ele não seria só de uma cor
E as cores, teriam cheiro e também teriam sabor.

Ele seria colorido como o arco íris
Com gosto de todos os pratos preferidos
O cheiro de todas as rosas, seria pouco para defini-lo.

Na minha tela tão impressionante
Todos poderiam ver, tocar, enxergar
Mas, apenas aqueles, capazes de sentir, poderiam contemplar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O velho rei de esmeraldas

Marcio de Paiva

Márcio de Paiva, nasceu em 19 de julho de 1967, na Praça Onze, Rio de Janeiro. Bacharel em Ciência Administrativas e com especialização em Direitos Humanos. Exerceu a função de pesquisador durante vários anos passando pelo departamento de pesquisa da Editora Bloch, antiga Manchete e pelo Centro de Pesquisa do Jornal do Brasil, CPDOC JB.

E abriu-se a imensa porta do castelo,
Maciça e cansada.
Cantorias tristes,
Ecoavam por entre as frestas das dobradiças enferrujadas
E lá estava o velho rei.
Que vencera várias batalhas.
Que tivera várias conquistas:
Esposa em redoma de vidro.
Filhos em parques encantados.
Netos arqueadores da bandeira da família.
E ao rei em seu trono,
Só lhe coube observar o que havia para adentrar ao castelo.
De miúdo e de baixo assovio,
Um vento úmido passava pelo calabouço, sem permissão.
E o velho rei,
Com experiência em grandes batalhas,
Sabia o que estava por vir.
E logo o vento veio ganhando forma e feitio diferente.
Se tornou gélido e sem emoção.
E o velho rei,
Ofegante, colocou-se a retirar lentamente com o braço direito,
A sua coroa cravejada de esmeraldas,
Fruto da sua esperança,
E a mesma que lhe pesara por tantos anos.
Vem-se acomodando o inverno de Vivaldi,
Em movimento andante e em passos sorrateiros.
E o velho rei,
Agora despido de seu reinado se rende ao destino.
Seu corpo é envolto por pétalas brancas de neve.
E neste instante a respiração ganha o infinito em busca do silêncio.
Enquanto seus olhos cintilantes vão em busca de Deus.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Caos

Por Nayara Corrêa Ferreira Santos

Nascida e criada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Cresceu sobre forte influência artística familiar. Seu romance com a escrita começou logo cedo, quando ganhou um diário, aos 6 anos. O que era apenas uma ferramenta para treinar a escrita e relatar seu dia a dia como criança, se tornou seu refúgio, sua criatividade e um grande depósito de histórias e "poesias", ao longo dos anos.

Eu sou o caos.
Olho as estrelas.
E que céu estrelado.
Quem vai lidar com meu desastre.
Sou desatenta.
Desorganizada.
Confusa.
Não é isso que você quer.
Eu quero paz.
Mas sou euforia.
Eu sou o caos.
Cheia de dúvidas.
Giro mais do que a terra em torno do sol.
Não é isso que você merece.
Eu sou o caos.
E quem é que vai bancar.
Eu quero paz.
Mas sou euforia.
Cheia de dúvidas.
Confusa.
Fora de órbita.
Eu sei amar.
Mas não sei dizer.
Só sei sentir.
Eu tenho medo.
Sou sensível demais para me entregar.
O preço pode ser maior nesses casos.
Ser caos.
Ser o sol.
Confusão.
Desatenção.
Eu vou vivendo a flor da pele.

Mascarando meus desejos

Eu sei amar.

Mas não sei dizer.

Eu tenho medo.

Eu sou o caos.

Olho as estrelas para me confortar.

Quem vai lidar com meu desastre.

Não e isso que você quer.

Eu quero paz.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Livre

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Quero acreditar que sou livre.

Sei que, de leis e regras sociais,
culturais e familiares,
e na minha realidade exterior,
sou escrava.
Mas, no íntimo do meu ser,
reina a liberdade.

Minha mente voa livre
para reinos que crio
e habito a meu prazer.
Navego no tempo e no espaço
que são só meus.

Vou além da velocidade da luz
a outros mundos e cosmos.
onde as dimensões não são físicas,
mas controladas
pelo meu pensar.

Atinjo recantos secretos,
no meio de sonhos,
que o meu cérebro produz.
Que trazem prazer de
um desconhecido
que pertence só a mim.

APRESENTAMOS O POEMA

A Chuva Da Manhã

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

A manhã já tinha os seus planos definidos,
quando,
sob trovoadas e raios de luz e energia,
uma cortina branco-acinzentada
desceu sobre a cidade.

A vida contemplou
a força esmagadora
da natureza,
que fez o tempo parar.
E só a chuva tinha vida própria.

Os planos foram desfeitos
sem discussão.
Ao passar da chuva
o dia tomou outro rumo,
agora, refrescado.

Obedientemente,
ao reiniciar do tic-tac,
recomeçaram a viver
os ignorados humanos.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cenoura Com Gengibre

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Inesperadas sensações...
A gustação puxou fios de não sei onde!
E eu que sem me atentar, ainda remoía
desagradáveis incidentes da véspera,
em gustativos prazeres
deixei-me mergulhar.

Suprir necessidades vitais apenas
- daquilo de que não se foge - era o intento.
Mais uma vez, o "jamais vivi tudo"
a sobrepujar as contrariedades da jornada...
Desfazendo desprazeres já instalados,
agradáveis surpresas!

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Vida Frágil

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Nascer e morrer.
Etapas apenas
de um interminável processo.
Hoje, humano.
Amanhã, outra coisa.
Ao acaso...
Da vida, o fluxo.

Aparecer e desaparecer.
Formar e deformar.
Sem escolha, sem soberania.
Tudo!
Passageiro sem rumo
apenas a indagar,
quando cisma.

Fatalidade e fragilidade
a concederem, de todos,
o destino.
Sem favoritismo,
sem clemência.
O Universo no seu curso
de despretensiosas grandezas.

APRESENTAMOS O POEMA

O valor do abraço

Por Vera Ribeiro

Vera Lucia Ribeiro Macêdo, filha de Amado e Maria, nasceu no dia 19 de abril de 1958, na Fazenda Alagoinhas, distrito de Alto Bonito, município de Mundo Novo - Bahia. Foi alfabetizada por seu pai, aos cinco anos de idade, e logo demonstrou interesse pela literatura de cordel, pois ele levava os folhetos para casa e lia para os filhos. Aos dez anos, já escrevia poemas e cordéis sobre os fatos que aconteciam ao seu redor. Formou-se em Magistério e exerceu a docência por trinta e dois anos. Atualmente, aposentada, dedica parte do seu tempo à leitura e escrita de poemas e cordéis. A autora escreveu o poema "O valor do Abraço", durante a pandemia da COVID-19, quando sentiu falta dos abraços e do calor humano.

Qual o valor do abraço
Você pode responder
Que poder tem um abraço
O que é capaz de fazer
Ele estreita os laços
E faz vencer os percalços

O abraço verdadeiro
Alimenta as relações
Reafirma os sentimentos
E une dois corações
Renova forças e sonhos
Faz brotar as emoções

Abraço cura as feridas
Ameniza qualquer dor
Traz conforto e esperança
É o alimento do amor
Faz parte da despedida
Traz paz e fé interior

O abraço tem poder
De ajuda emocional
De liberar o estresse
Isso é fundamental
Ultrapassar desafios
De um modo especial

Todo abraço é importante
Na alegria e na dor
Da mãe, do filho e do pai
Do amigo e do irmão
Da titia e da avó

Do netinho e do vovô
O abraço do amor

Em tempos de pandemia
Correto é se distanciar
Vamos pedir ao bom Deus
Para isso logo passar
E quando tudo terminar
A gente poder se abraçar

E quando o medo se apossar
Ou quando vier o cansaço
Pra vencer qualquer batalha
Ou em qualquer embaraço
Escute, não dê espaço
Ore e não cruze os braços
Mesmo que o coração
Esteja partido em pedaços
Lembre-se, você não está só
Receba o meu abraço!

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ser avó

Por Vera Ribeiro

Vera Lucia Ribeiro Macêdo, filha de Amado e Maria, nasceu no dia 19 de abril de 1958, na Fazenda Alagoinhas, distrito de Alto Bonito, município de Mundo Novo - Bahia. Foi alfabetizada por seu pai, aos cinco anos de idade, e logo demonstrou interesse pela literatura de cordel, pois ele levava os folhetos para casa e lia para os filhos. Aos dez anos, já escrevia poemas e cordéis sobre os fatos que aconteciam ao seu redor. Formou-se em Magistério e exerceu a docência por trinta e dois anos. Atualmente, aposentada, dedica parte do seu tempo à leitura e escrita de poemas e cordéis.

Ser AVÓ é receber
Um presente abençoado
É reviver no neto
O amor ao filho amado
Pois neto é o nosso filho
De açúcar lambuzado

Ser AVÓ é recordar...
É retornar à infância
É à maternidade voltar
É mostrar as experiências
É ter histórias pra contar
E muitos conselhos pra dar

VÓ é aquela que está
Ao lado do neto mimando
Com um sorriso nos lábios
Com muito jeito, cuidando
Sempre o aconselhando
E, acima de tudo, o amando

Ser AVÓ é ter paciência
É ter muita sabedoria
É ser colo e aconchego
É ser amor e alegria
É estar sempre presente
É formar uma parceria

AVÓ é enriquecimento
É experiência social
É perpetuar a história
É valorização parental

Quem convive com os AVÓS
Tem equilíbrio emocional

Aquela imagem da AVÓ
Com os cabelos branquinhos
E uma pele enrugada
Na cadeira a balançar
Fazendo crochê e tricô
Está cada vez mais rara
Mais difícil de encontrar

Hoje, as VOVÓS são modernas
Acompanham a tecnologia
São bem atualizadas
Frequentam academia
Cada vez mais antenadas
E sempre conectadas

A VOVÓ ensinava à neta
A costurar e bordar
Com o livro de receitas
Ensinava a cozinhar
Ensinava boas maneiras
Ajudava a educar

Hoje, solicita dos netos
Ajuda com o celular
Navegar na Internet
Mexer no computador
Numa coisa se parecem
Todas respiram amor

O Dia 26 de julho

No mundo é comemorado
Como o Dia dos AVÓS
No Brasil é celebrado
Santa Ana e São Joaquim
Santos homenageados
Padroeiros dos AVÓS
Eles são considerados

São os AVÓS de Jesus
Exemplos de fé e sabedoria
Geraram a MÃE do CÉU,
NOSSA SENHORA
A maior de todas as Marias
Peçamos a vossa intercessão
Com devoção e alegria.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**